

RACISMO AMBIENTAL E ESTRUTURAL NO ENSINO DE ARTES VISUAIS: DISCUSSÕES NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Isadora Gonçalves de Azevedo¹

Maria Cristina da Rosa Fonseca²

RESUMO: Neste trabalho, apresentamos um relato de experiência dentro do Programa de Residência Pedagógica – Subprojeto Artes (Edital CAPES nº 24/2022, em parceria com a Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC), referente ao período de inserção de cinco residentes em uma escola estadual de educação básica na cidade de Florianópolis. A proposta incluiu a apresentação e reflexão sobre as obras de artistas e escritores de origem africana, afro-brasileiros e indígenas. Como resultados, observamos um aumento no debate sobre o racismo na escola, além de uma ampliação do conhecimento dos alunos sobre as culturas de povos originários e africanos, especialmente no que diz respeito ao acesso a conhecimentos fundamentais para o ensino de arte. Por fim, destacamos a necessidade de um currículo que aborde a discussão sobre racismo no decorrer do ano letivo.

PALAVRAS-CHAVE: Racismo ambiental; Racismo estrutural; Ensino de Artes Visuais; Educação Básica; Pedagogia Histórico-Crítica.

RACISMO AMBIENTAL Y ESTRUCTURAL EN LA ENSEÑANZA DE ARTES VISUALES: DISCUSIONES EN LA EDUCACIÓN BÁSICA

RESUMEN: En este trabajo, presentamos un relato de experiencia dentro del Programa de Residencia Pedagógica – Subproyecto Artes (Aviso CAPES nº 24/2022, en colaboración con la Universidad Estadual de Santa Catarina - UDESC), sobre el período de inserción de cinco residentes en un escuela estatal de educación básica de la ciudad de Florianópolis. La propuesta incluyó la presentación y reflexión sobre las obras de artistas y escritores de origen africano, afrobrasileño e indígena. Como resultado, observamos un aumento en el debate sobre el racismo en la escuela, además de un aumento en el conocimiento de los estudiantes sobre las culturas de los pueblos indígenas y africanos, especialmente en lo que respecta al acceso a conocimientos fundamentales para la enseñanza del arte. Finalmente, destacamos la necesidad de un currículo que aborde la discusión sobre el racismo a lo largo del año escolar.

¹ Doutora em Artes Visuais pelo Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais na Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Licenciada em Artes Visuais (2012) e mestre em Artes Visuais (2014) pela UDESC. E-mail: doraparte@gmail.com

² Possui graduação em Educação Artística pela Universidade do Estado de Santa Catarina (1988), mestrado em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina (1998) e doutorado em Engenharia de Produção pela Universidade Federal de Santa Catarina (2004) na linha de mídia e conhecimento. E-mail: doraparte@gmail.com

PALABRAS CLAVE: Racismo ambiental; Racismo estrutural; Enseñanza de Artes Visuales; Educación básica; Pedagogía Histórico-Crítica.

1 INTRODUÇÃO

No segundo semestre de 2022, o país testemunhou a retomada das aulas presenciais, sobretudo na educação básica pública. Nesse período pós-isolamento social, evidenciamos a necessidade de propostas pedagógicas coletivas na escola, que atendessem às diversas faixas etárias e estágios de desenvolvimento, fortalecendo assim a construção desta como um espaço de ensino e de aprendizagem e, sobretudo, como lugar de transmissão e aquisição de conhecimentos historicamente sistematizados (SAVIANI, 2013; SAVIANI e GALVÃO, 2021).

Em setembro daquele ano, também teve início a segunda edição do Programa de Residência Pedagógica - Subprojeto Artes Visuais, do qual a escola participou e as autoras atuaram como preceptora e como orientadora (conforme edital nº24/2022/CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Ensino Superior). Recebemos na escola de atuação – Escola de Educação Básica Porto do Rio Tavares - cinco estudantes do curso de Licenciatura em Artes Visuais da Universidade do Estado de Santa Catarina, os quais realizaram um período de observação e contribuíram para as atividades desenvolvidas ao longo daqueles meses.

Naquele mesmo período, as queimadas na Amazônia estavam em destaque nos principais veículos de comunicação do país, bem como nas redes sociais e outras formas de mídia digital. Nesse contexto, consideramos relevante capacitar os estudantes para que pudessem elaborar suas próprias concepções sobre os acontecimentos, ao mesmo tempo em que ampliavam o repertório dos profissionais da educação envolvidos.

Enquanto desenvolvíamos as atividades, as discussões sobre racismo ambiental e estrutural não ficaram de fora das aulas, uma vez que, ao abordar as

queimadas na Amazônia, acabamos por discutir, de modo breve, a questão indígena. Não obstante, aproximava-se o Dia da Consciência Negra e nesta época do ano letivo as escolas costumam direcionar suas propostas didáticas para retratar o tema. Iniciamos, em meados de outubro, as aulas das quais tratamos aqui. Nosso objetivo era, portanto, apresentar termos e conceitos aos alunos e promover reflexões sobre o racismo ambiental e estrutural por meio das artes visuais.

Nossa abordagem teórica está fundamentada na Pedagogia Histórico-Crítica (Saviani, 2013), cujos estudos na área de artes visuais têm se intensificado nos últimos anos. Entendemos que na escola transmitimos os conhecimentos historicamente sistematizados e, para tanto, necessitamos: 1) Identificar os conteúdos mais relevantes para a formação dos alunos; 2) Transformar esses conhecimentos objetivos em saberes escolares, com o professor atuando como mediador nesse processo de conversão; 3) Fornecer os meios necessários para que os alunos adquiram esses conhecimentos, considerando o contexto de sua produção e suas possíveis mudanças ao longo do tempo (cf. SAVIANI, 2013).

2 METODOLOGIA

As aulas ocorreram com turmas do primeiro ao nono ano do ensino fundamental, respeitando as fases do desenvolvimento de cada grupo/turma, de modo que os assuntos foram aprofundados nos anos finais, com uma duração média de oito aulas, com quarenta e cinco minutos cada. Ao abordarmos o tema das queimadas na Amazônia a partir das obras de Araquém Alcântara (fotografia de natureza) e Frans Krajcberg (escultura com troncos de árvores queimadas), questionamos os alunos sobre a população atingida nessas regiões e aprofundamos a discussão sobre a demarcação de territórios indígenas.

Apresentamos o conto “Nunca gostei de ser índio” de Daniel Munduruku (2016) e propusemos aos estudantes dos anos iniciais que produzissem fanzines a partir da leitura e discussão do texto (figura 1), o qual foi também apresentado por meio da contação de história que o escritor disponibilizou em seu canal no *Youtube*. No conto, o autor relata ter se descoberto “índio” após sua inserção no ambiente escolar, pois fora assim definido pelos seus colegas e, até então, não conhecia o termo nem o significado simbólico e as conseqüentes violências que o termo carregava.

Figura 1: Fanzines a partir da história “Nunca gostei de ser índio” de Daniel Munduruku na semana de atividades voltadas para o dia nacional do livro – 2º ano.



Fonte: Arquivo das autoras.

Neste momento de retomada do debate sobre as queimadas, abordamos o racismo ambiental como um termo para se referir à discriminação que algumas populações – negros e indígenas sofrem considerando aspectos da degradação ambiental. Ao reconhecermos a sua existência, foi possível refletir sobre a maneira desigual como os impactos ambientais atingem as populações invisibilizadas devido a questões historicamente políticas e de relação de poder. Como bem afirmam Pacheco e Faustino (2013), é importante reconhecermos a questão racial e o etnocentrismo como problemas centrais do contexto brasileiro, no qual estão inseridos os sujeitos atingidos pelas questões ambientais.

Apresentado o primeiro termo, ampliamos a discussão com a inserção do conceito de “racismo estrutural” aos estudantes dos anos finais do ensino fundamental a partir do vídeo “Entenda o que é o RACISMO ESTRUTURAL!” disponível no Canal Preto, no *Youtube*³. Abordamos a adoção de inúmeras medidas, inclusive legislativas, no cenário brasileiro, para a marginalização de pessoas negras após o término (parcial) do processo de escravização.

Para as turmas dos anos finais, apresentamos artistas como Rosana Paulino, Antônio Obá e Virgínia Yunes (utilizamos seu livro “Cabelos-Afro: cultura e resistência”, de 2021), e propusemos algumas atividades, sobretudo conversas e debates. Nos anos iniciais, mostramos o trabalho de Bispo do Rosário, de Antônio Obá e de Virgínia Yunes; realizamos outra série de atividades práticas, envolvendo reflexões sobre coleções e as formas de expressão corporal que incluem os usos dos cabelos, vejam figuras 2, 3, 4 e 5.

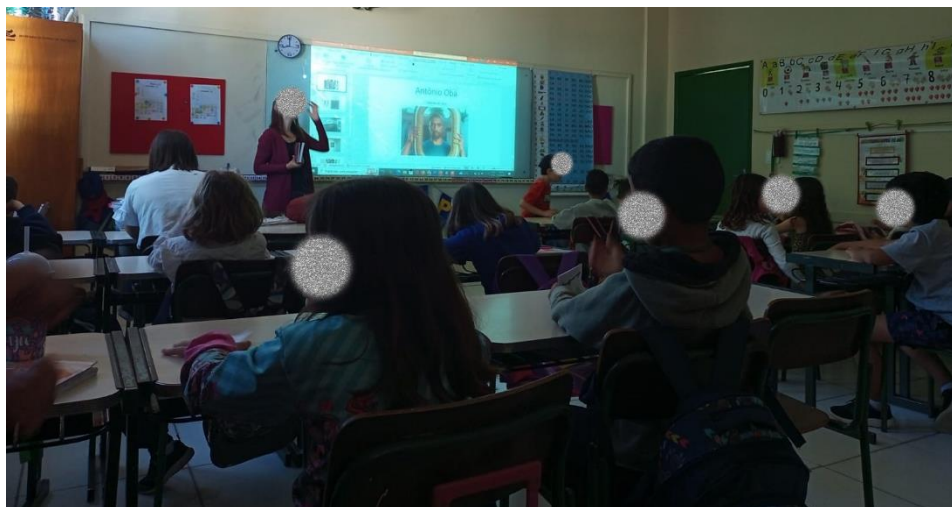
Figura 2: Atividade a partir do livro de Virgínia Yunes “Cabelos-afro: cultura e resistência” – 1º, 2º e 3º anos.



Fonte: Arquivo das autoras.

Figura 3: Aula sobre o artista Antônio Obá – 2º ano.

³ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=lryL8ZAMq-E>. Acesso em 17 de fevereiro de 2024.



Fonte: Arquivo das autoras.

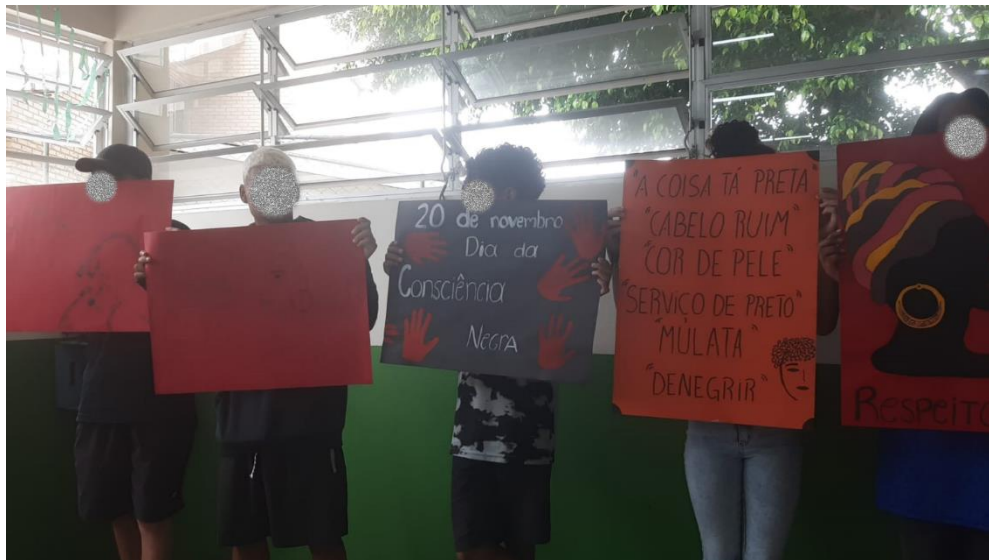
Figuras 4 e 5: Atividades sobre coleções a partir da obra de Bispo do Rosário (1º, 2º e 3º anos).



Fonte: Arquivo das autoras.

Além das aulas mencionadas, destacamos outras duas ações que ocorreram na escola: 1) a atividade de elaboração de cartazes sobre racismo realizada conjuntamente nos componentes curriculares de Língua Portuguesa e Arte. O material foi apresentado pelos alunos no dia 21 de novembro, segunda-feira, momento em que a escola se reuniu nos dois turnos (matutino e vespertino) para discutir e apresentar os trabalhos realizados ao longo das últimas semanas sobre o Dia da Consciência Negra (20 de novembro), ver figura 6; 2) a apresentação da peça teatral “Percurso: o último voo do menino”, em parceria com a Universidade do Estado de Santa Catarina (figuras 7a e 7b).

Figura 6: Apresentação de trabalhos dos 8º e 9º anos na Semana da Consciência Negra na escola.



Fonte: Arquivo das autoras.

Figuras 7a e 7b: Apresentação de peça de teatro “Percurso: o último voo do menino” do grupo Poeira – UDESC - na Semana da Consciência Negra na escola.



Fonte: Arquivo da autora.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A forma de se relacionar com o mundo, o ambiente, entre os sujeitos e consigo próprio varia entre os povos originários, mas existem consonâncias entre estes quando comparados às formas ocidentais de viver, voltadas para uma lógica capitalista (cf. AZEVEDO, 2023). Rotinas aceleradas, datadas e com formatos de organização que desrespeitam a integridade e as especificidades de cada pessoa são

questões postas por artistas indígenas que têm se inserido nos circuitos de arte como estratégia para alcançar espaços de fala.

Não obstante, a noção de “Modernidade” permeia o ensino de arte quando tratamos das vanguardas europeias e suas influências da estética indígena, africana, caribenha e indonésia (ANTONACCI, 2017). Cabe lembrar, contudo, que os processos de escravização e as políticas de inferiorização destes povos se perpetuaram mesmo quando a busca por elementos destas culturas se fez (e faz) presente.

Ao mencionar aspectos culturais tanto dos povos indígenas quanto dos africanos e afro-brasileiros, é válida a discussão sobre apropriação cultural e as violências simbólicas que ela produz. Na medida em que elementos e símbolos de determinados povos são inseridos em acessórios e vestimentas, absorvidos pela cultura de massa de forma a desconsiderar seus significados, origens e questões históricas, são necessárias discussões a fim de promover uma formação crítica dos estudantes frente a estas situações (cf. FRANCEZ, 2023).

Conforme pesquisa realizada por Azevedo (2023) acerca dos conteúdos sobre arte indígena nos livros didáticos de arte que participaram do edital do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) de 2020, ainda que ocorra, gradativamente, a inserção desses temas nos materiais disponibilizados às escolas, a forma como são abordados permanece superficial e não contempla assuntos como a demarcação das terras e direitos específicos, como o acesso à saúde, necessários à manutenção dessas formas de viver.

Da mesma maneira, as representações dos corpos negros em nossa sociedade é tema de proposições de inúmeros artistas, como no caso de Rosana Paulino (1967), artista paulista cuja obra foi abordada nos oitavos e nonos anos da escola. Por meio de confrontos entre arte, ciência, aspectos sociais, culturais e políticos, a artista traz indagações sobre o lugar da mulher negra, além de realizar pesquisas diversas sobre a história das pessoas escravizadas no Brasil, trazendo-as para o presente e atribuindo lugar a memórias esquecidas (cf. ANTONACCI, 2017).

Ao desenvolvermos o conjunto de aulas sobre as queimadas na Amazônia seguida da discussão sobre racismo ambiental e estrutural, apresentando trabalhos de artistas relacionados a estes temas, notamos a ampliação de repertório artístico e de conhecimentos que possibilitaram novas formas de apreender e se expressar sobre questões que, ainda que estejam presentes nas diversas mídias que os jovens acessam, não garantem, por si só, a formação de sujeitos críticos ao seu conteúdo. Reiteramos a função da escola na transformação e transmissão dos saberes historicamente construídos e sistematizados. Nesse sentido, os conteúdos seguem em constante revisão e reelaboração, na busca pelo desenvolvimento *omnilateral* dos aprendizes.

Ainda sobre as queimadas, que desencadearam o andamento das aulas às quais nos referimos aqui, enfatizamos que Saviani atenta para a luta pela superação do capitalismo entrelaçada com a defesa da humanidade como um todo quando tratamos da massiva destruição do planeta. A conscientização da situação, ainda que seja insuficiente, é condição básica para alcançarmos este objetivo. Desenvolver tal consciência pressupõe um trabalho educativo que mova a população a realizar as transformações necessárias (cf. SAVIANI, 1994). Promover o debate sobre a presença do racismo ambiental e estrutural no processo de degradação do meio ambiente intensifica a instrumentalização dos estudantes frente ao tema trabalhado. Nesse sentido, buscamos contribuir com a formação destes sujeitos, assegurando a abordagem de conteúdos específicos da área de artes visuais – tal qual a relação entre linguagens como a fotografia, colagem, desenho, pintura, etc., em constante diálogo com discussões que perpassam os componentes curriculares.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Trouxemos, nesta pesquisa, um breve relato de uma ação pedagógica desenvolvida em uma escola de educação básica da rede estadual de Santa Catarina, situada na cidade de Florianópolis, durante as aulas de artes visuais. A proposta contou com a participação de cinco residentes do Programa de Residência

Pedagógica – Subprojeto Artes, e abarcou o racismo ambiental e estrutural por meio da apresentação de artistas e de outras referências, com duração média de oito aulas em cada turma (do primeiro ao nono ano do ensino fundamental).

Ao retomarmos o objetivo inicial das aulas desenvolvidas - “apresentar os termos aos alunos e refletir sobre o racismo ambiental e estrutural por meio das artes visuais” constatamos que a inserção desses debates ao longo das aulas de arte amplia a capacidade crítica dos alunos, permitindo-lhes posicionar-se e expressar-se sobre assuntos do cotidiano, sem deixar de contemplar o ensino de conteúdos específicos de nossa área de atuação. Diversas linguagens, artistas e exercícios compuseram o conjunto de aulas, contribuindo, em nossa opinião, para a formação de sujeitos mais humanizados. Reiteramos que a discussão sobre o racismo precisa permear o currículo ao longo de todo o ano letivo, e que as notícias constantes de violência contra pessoas negras revelam o tamanho do trabalho educativo necessário em nosso país.

REFERÊNCIAS

ANTONACCI, Célia Maria. Rosana Paulino: Enunciações Poéticas de Arte Africana Contemporânea. In: **Rebento**, São Paulo, n. 6, p. 272-291, maio 2017. Disponível em: <https://www.periodicos.ia.unesp.br/index.php/rebento/article/view/142>. Acesso em: 19/02/2024.

AZEVEDO, Isadora Gonçalves de. Arte e culturas indígenas na educação básica: reflexões sobre concepções, documentos oficiais e livros didáticos. In: **Semear a resistência: ensaios sobre arte, educação e luta indígena**. / organização Ana Paula Soukef, Maria Cristina da Rosa Fonseca da Silva. 1ª ed. – Florianópolis: AAESC, 2023.

FONSECA da SILVA, Maria Cristina da Rosa; SOUKEF, Ana Paula. Reflexões sobre arte e fotografia no contexto escolar indígena. In: **Semear a resistência: ensaios sobre arte, educação e luta indígena**. / organização Ana Paula Soukef, Maria Cristina da Rosa Fonseca da Silva. 1ª ed. – Florianópolis: AAESC, 2023.

FRANCEZ, Leticia. Representação indígena na publicidade e apropriação cultural: algumas reflexões em torno da imagem. In: **Semear a resistência: ensaios sobre**

arte, educação e luta indígena. / organização Ana Paula Soukef, Maria Cristina da Rosa Fonseca da Silva. 1ª ed. – Florianópolis: AAESC, 2023.

MUNDURUKU, Daniel. Memórias de índio: uma quase autobiografia. 1ª ed – Porto Alegre, RS: Ed. Edelbra, 2016.

PACHECO, Tania; FAUSTINO, Cristiane. A Iniludível e Desumana Prevalência do Racismo Ambiental nos Conflitos do Mapa. In: **Injustiça ambiental e saúde no Brasil: o Mapa de Conflitos.** / organizado por Marcelo Firpo Porto, Tania Pacheco e Jean Pierre Leroy. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2013. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/468vp/pdf/porto-9788575415764.pdf#page=70>. Acesso em 17 de fevereiro de 2024.

SAVIANI, Demerval; GALVÃO, Ana Carolina. Educação na pandemia: a falácia do "ensino" remoto. Revista Universidade e Sociedade. *ANDES*. ano XXI. n. 67. **Pandemia da COVID-19: trabalho e saúde docente.** Janeiro de 2021. P. 36-49. Disponível em: https://www.andes.org.br/img/midias/0e74d85d3ea4a065b283db72641d4ada_1609774477.pdf

SAVIANI, Dermeval. **Desafios para a construção coletiva da ação supervisora: uma abordagem Histórica.** Revista Ideias, Nº 24, 1994.

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia Histórico – Crítica: primeiras aproximações.** Campinas, SP: autores associados, 2013.

YUNES, Virgínia Maria; Pereira, Allende da Silva; HOTZEL, Martina. **Cabelos afro: cultura e resistência.** Florianópolis, SC: Editora 7 Encruzilhadas, 2021.

Recebido em junho de 2024.

Aprovado em outubro de 2024.